

las. Pela manhã, uma clareira entre as nuvens fez entrar o sol e acalmar o vento. Hora de voltar para a água.

Na Ilha do Campinho, um longo porto de concreto causa estranheza. É herança de um projeto suspeito, que consumiu milhões dos cofres públicos e nunca foi completado. Num passado nem tão longínquo, alguém achou que Brasília deveria ter um porto, para escoar a produção da região Centro-Oeste. Feitas as contas, descobriu-se que a costa mais próxima era Camamu. Da idéia visionária, restaram os buracos da BR-030, que acompanha o belo litoral da Península de Maraú. E o esqueleto do porto inacabado.

No dia seguinte, começamos a remar de volta para Maraú. A principal parada dessa vez foi Camamu, construída em dois andares seguindo a tradição portuguesa, tal como Lisboa e Salvador. A cidade que dá nome à baía nasceu junto com o Brasil. Habitada por macamamus, em 1561, transformou-se em aldeia jesuíta. Plantavam-se cana-de-açúcar, cacau e canela. Mais tarde, era tanta mandioca que a cidade se tornou a maior produtora de farinha do Brasil, exportando até para a África.

A pujança da época atraiu a cobiça de holandeses, que

em maio de 1624 tomaram Salvador e aproveitaram para invadir Camamu. De tantos ataques, escravos, jesuítas, senhores e índios se uniram para obstruir com pedras a passagem para o porto. Até hoje, os barcos precisam ziguezaguear no canal para alcançar Camamu, durante a maré baixa. Para os caiaques, o obstáculo não foi mais difícil que as intemperanças climáticas do dia anterior. Na casa de uma nativa, soubemos que a tempestade que enfrentamos foi a pior do ano. Dois barcos de pescadores ainda não haviam retornado, deixando a comunidade preocupada.

Antes do regresso a Ambuba, visitamos a Ilha da Pedra Furada. Com suas peculiares formações vulcânicas, o lugar já virou atração dos passeios de escuna que saem de Camamu em direção a Barra Grande. No resto da baía, o turismo passa longe, interrompendo apenas a linha do ho-

Nas vilas mais escondidas da baía,

rizonte que os ilhéus enxergam de suas pequenas embarcações. Nas vilas abrigadas de Camamu, a maré que enche e vaza é a única preocupação local. Continuará assim? A resposta, só saberemos nos próximos verões. ❖